



## **Análise comunicacional do atentado terrorista à revista francesa *Charlie Hebdo*<sup>1</sup>**

Rafael Borges Marques<sup>2</sup>

Geder Luis Parzianello<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pampa

### **RESUMO**

Este trabalho se propõe a analisar de um ponto de vista comunicacional, a partir da teoria semiótica e utilizando conceitos como de Opinião Pública, comunicação em massa e cultura, o atentado terrorista à revista francesa *Charlie Hebdo* sobre um ponto de vista que tenta avaliar o uso da linguagem como processo sócio social nessa sequência de acontecimentos. Essa análise se apoiou em pesquisa bibliográfica e documental, por metodologia de análise semiótica sob a repercussão midiática e social daquele fato. O trabalho evidencia que o atentado terrorista à revista francesa foi mais valorado na mídia que tragédias no mesmo período, como o massacre na Nigéria. Na hipótese desta pesquisa, isso se deve à determinação com que alguns signos culturais produzem enfoque seletivo dirigido à Opinião Pública e parecem concorrer como matriz de conflitos de crescente fundamentalismo religioso e xenofobia na Europa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Opinião Pública; Semiótica; Meios de Comunicação em Massa; Cultura; *Charlie Hebdo*.

O presente trabalho se propõe a fazer uma análise comunicacional do atentado à revista francesa *Charlie Hebdo*, em 2014, e mostrar como a comunicação teve papel fundamental em todo seu processo. Foram avaliadas diversas reportagens relacionadas aos atentados que, sobre a luz da teoria semiótica, atrelada aos conceitos sociológicos de Opinião Pública, comunicação em massa e cultura mostram que a linguagem pode significar a diferença entre milhares protestando ao redor do mundo por doze mortos ou quase nenhuma repercussão por dois mil.

No dia sete de janeiro de 2014, um grupo de muçulmanos considerados extremistas, formado pelos irmãos *Saïd* e *Chérif Kouachi* e um terceiro cúmplice *Hamyd Mourad* executaram um ataque terrorista à sede da revista francesa *Charlie Hebdo*, em Paris, conhecida por seu conteúdo editorial historicamente polêmico e que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Jr – Relações Públicas do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Joinville - SC – 04 a 06/06/2015

<sup>2</sup> Estudante do 3º semestre de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa, e-mail: borgesrm@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho, Professor Doutor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa – São Borja, e-mail : geder@unipampa.edu.br



satirizava o profeta Maomé constantemente. No ataque armado à redação da revista doze pessoas foram assassinadas, entre elas, alguns de seus editores<sup>4</sup>.

Este trabalho tem como objetivo avaliar a reação midiática ao atentado, levando a cabo uma análise semiótica dos discursos relacionados a ele, atrelados aos conceitos de Opinião Pública, comunicação em massa e cultura, que se mostram complementares para uma análise mais abrangente. Segundo Lúcia Santaella, semiótica é:

(...) a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 1983, p.19).

Entendendo semiótica como a análise dos processos de significação, têm-se eventos, atos, e mensagens como signos. O signo funciona da seguinte maneira, conforme Peirce:

Um signo ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen (PEIRCE, 2010, p. 46).

O signo, então, é algo que representa um objeto externo a ele, por um meio, para uma mente que pode traduzir isso em outro signo e assim sucessivamente. Os signos, especialmente os que serão tratados nesse trabalho, relacionados ao evento do atentado terrorista, encontram significados no contexto social.

Os atentados repercutiram na mídia e nas redes sociais a nível mundial, provocaram protestos, atos considerados xenófobos, políticas de repressão em alguns países e levantaram inúmeras questões sociais sobre a questão do fundamentalismo islâmico e sua presença na Europa.<sup>5</sup> Para se fazer a análise de um evento de tal repercussão midiática é necessária a compreensão dos conceitos como o de Opinião Pública e de público, em contraposição ao conceito de opiniões públicas. Segundo Lippmann:

As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, das suas necessidades, propósitos e relacionamento, são

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/01/binimigo-binterno.html> > Acesso em 24/04/2015

<sup>5</sup> Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/internacional/atentado-terrorista-deixa-12-mortos-em-paris-1963.html> > Acesso em 29/04/2015



suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome dos grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas (LIPPMANN, 2010, p.40).

Portanto, todos temos uma opinião própria, que são nossas opiniões públicas e a Opinião Pública que é disforme e não unânime, é concebida como um fator comum e aceito. O conceito de público segundo McQuail (2013, p.375) diz respeito ao grupo de “pessoas a quem se fala. Referindo-se ao grupo de pessoas imaginado pelo comunicador e para quem o conteúdo é definido”; de forma simples, a Opinião Pública é a imagem mental difundida pelos formadores de opinião acerca de um objeto, sendo essa, passível de ser induzida no público e não gerada de forma espontânea.

A Opinião Pública se constrói comumente no âmbito dos meios de comunicação em massa que integram, influenciam e informam-na. Segundo Denis McQuail, (2013, p.14) meios de comunicação em massa “(...) são os meios organizados para se comunicar de forma aberta, à distância e com muitas pessoas em um curto espaço de tempo”, mas, ressalta o autor que embora esses meios continuem inabaláveis, não detém mais a exclusividade. A internet e a telefonia móvel complementaram esses meios, deixando a comunicação mais instantânea, privada, interativa e livre. As redes sociais entre outros meios de comunicação em massa tiveram importante papel na repercussão, mobilização e formação da Opinião Pública nesse evento.

Como evento social, o atentado passa pelos âmbitos da comunicação em massa e da Opinião Pública, mas é na cultura que encontra sua causa, matéria e objeto. A cultura como processo humano é definida por Roger Kessing (1974) citado por Laraia:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 2006, p.59).

A cultura enquanto evento antropológico parece ter sido determinante nesse caso, porque, como diz Kroeber (KROEBER apud LARAIA, 2006, p.48), ela “(...) mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações”.

A cultura constitui e é constituída pela semiose, segundo Eco (2000, p.16) a humanidade e sociedade só existem quando se estabelecem relações de significação e processos de comunicação. A cultura pode ser vista como um fenômeno de



comunicação baseado em sistemas de significação. Cabe reconhecer que a sociedade ocidental de matriz judaico cristã atua como a exemplo de um sistema capaz de amparar significados de mundo que funcionam até mesmo como um *a priori* dos acontecimentos.

Os atritos da revista com grupos muçulmanos começaram enquanto episódios factuais, no entanto, em 2002, quando a revista publicou um artigo em que defendia a coragem de Oriana Fallaci, que em seu livro *La rage et l'orgueil* atacava o terrorismo islâmico e condenava a quietude da Opinião Pública europeia quanto ao suposto fato de um movimento em massa do Islã contra o Ocidente, e dizia ver acontecer o contrário, como ela afirmava ser a Opinião Pública vigente na Europa, ou seja, uma indevida acolhida aos imigrantes muçulmanos e uma adesão a sua cultura. A revista passou a ser perseguida e denunciada por associações islâmicas na França, mas, o Ministério da Cultura francês defendeu o direito de livre expressão da revista. Em 2006, a revista republicou algumas caricaturas do profeta Maomé, feitas por uma revista dinamarquesa chamada *Jyllands-Posten* que já haviam causado grande repercussão e ela mesma publicou algumas caricaturas criadas pelos próprios cartunistas da revista em conjunto<sup>6</sup>. Uma caricatura é um ícone como um signo; um ícone pode “(...) representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser” (PEIRCE, 2010, p. 64), e se o objeto do ícone é um substantivo, ele se caracteriza por um hipoícone, sendo as metáforas, um tipo de hipoícone que “representam o caráter representativo de um *representâmen* através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa” (PEIRCE, 2010, p. 64). Se utilizando de charges que remetiam diretamente ao profeta Maomé, eles provocaram reações imediatas de grupos islâmicos.

Vale ressaltar que qualquer reprodução do profeta Maomé é proibida no Islã, e o fato de um não muçulmano criar uma reprodução da imagem dele configura um ato simbólico de afronto. Segundo Peirce, “o símbolo está conectado a seu objeto por força da ideia da mente-que-usa-o-símbolo, sem a qual essa conexão não existiria” (PEIRCE, 2010, p. 73), um ato simbólico só faz o sentido esperado se há uma regra que rege e tem compreensão desse ato dentro da codificação cultural, e esse ato é um desrespeito à religião islâmica por si só. Somado aos fatos de essa reprodução ser considerada pejorativa ou ofensiva e de ser a religião um conjunto de crenças possuidoras de uma

---

<sup>6</sup> disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/ataque-covarde-e-sanguinario-contra-revista-satirica-charlie-hebdo-na-franca-e-o-maior-atentado-contra-a-imprensa-na-europa-desde-a-ii-guerra-mundial-e-privou-os-franceses-de-quatro-genios-do-cartu/> > Acesso em 29/04/2015



gama de símbolos, o ataque a um desses símbolos se caracteriza como um ataque à crença em si. E um ataque à crença se caracteriza em um ataque ao que o dono dessa crença toma para si como verdade de mundo que, segundo Peirce, determinam nossas ações: “as nossas crenças guiam os nossos desejos e moldam as nossas acções (*sic*)” (PEIRCE, 1877, p.7). Nós agimos em relação ao mundo em acordo com nossas crenças sentencia o autor semiótico.

Em 2011, a sede da revista foi incendiada após ser atacada com um coquetel *molotov*, seu site foi hackeado e todo seu conteúdo foi substituído por uma imagem de Meca e trechos do Alcorão. Este ato comunicacional, deliberadamente intencional, foi marcado pela substituição do conteúdo ofensivo por signos da filosofia e da religião em questão. Observou-se a utilização de signos como instrumentos do entrave ideológico entre a revista e grupos muçulmanos por parte dos muçulmanos; entre eles, agora também inclusos extremistas. Após aquele atentado, as charges satíricas ao profeta se tornaram mais frequentes, o que fez aumentar a revolta das associações islâmicas francesas e internacionais<sup>7</sup>.

Em 2012, as publicações passaram a ser periódicas e a revolta aumentou, e tanto o governo francês quanto a redação da revista se mantiveram indiferentes aos protestos e ameaças de grupos muçulmanos. O silêncio também é uma forma de comunicação e é dotado de significado. Nesse sentido Orlandi (2001, p.130) afirma que “(...) o não dito, o silêncio, significa. Os sentidos silenciados migram para outros objetos simbólicos (...)”. O silêncio oficial do governo francês e da redação da revista abriu espaço novamente para uma interpretação de apoio deles para com o conteúdo ofensivo das charges e que pode ter servido como fator de antagonismo ao ser utilizado pelos extremistas.

Na ocasião do atentado, os três terroristas invadiram a sala onde ocorria a reunião de pauta da publicação da revista e ao identificarem as pessoas presentes começaram, então, a atirar em alvos pré-selecionados<sup>8</sup>; um ato provavelmente pensado, dado o fato de que assassinar os responsáveis pelas publicações anteriores seria um ato simbólico. Conforme McQuail (2013, p.457) “grande parte da violência terrorista é planejada, ameaçada ou realizada com objetivos políticos, por pessoas que buscam, mesmo que indiretamente, usar a mídia para suas próprias finalidades”, o ataque além

<sup>7</sup>Disponível em: < <http://www.conexaoparis.com.br/2015/01/08/por-que-cibla-do-atentado-foi-charlie-hebdo/> > Acesso em 29/04/2015

<sup>8</sup>Disponível em: < <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/01/bterror-em-paris-b-o-ataque-revista-charlie-hebdo.html> > Acesso em 29/04/2015



de assassinar alguns daqueles que eram diretamente responsáveis pelas charges e provocações até então serviu como uma mensagem ao mundo do grupo extremista, de que uma satirização ou confronto com a sua religião seria punida com a morte, além de impor um respeito, uma posição de visibilidade à sua ideologia, como complementa McQuail (2013, p.457) “os benefícios esperados pelos terroristas incluem chamar a atenção para sua causa e despertar o medo e alarme na população”.

A situação na França se mostra mais complicada hoje em dia, aproximadamente dez por cento da população francesa é muçulmana, a grande maioria de famílias provenientes das antigas colônias francesas. Mesmo esses imigrantes falando o francês, os franceses não têm uma boa aceitação dos imigrantes e de sua cultura, e essa minoria é subjugada e marginalizada na França, com frequentes demonstrações de racismo e xenofobia, além não conseguirem bons empregos, sofrem com a discriminação religiosa e são humilhados. Laraia cita esse fenômeno:

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos mais extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais (LARAIA, 2006, p.72).

O conflito entre culturas e o conseqüente etnocentrismo declarado por parte dos franceses propicia o recrutamento por movimentos extremistas islâmicos de jovens muçulmanos, que sendo postos à margem da sociedade e não sendo aceitos como parte, e pior, sendo considerados “inimigos” da cultura local, enxergam realmente um inimigo no outro lado<sup>9</sup>. Os franceses têm dado cada vez mais atenção a meios de comunicação em massa que possuam uma posição como a do *Charlie Hebdo*, de líderes e formadores de opinião que alimentam sentimentos xenófobos.

A situação só tende a piorar após esse atentado, tanto do lado francês que se sentiu atacado, violado em seu âmbito cultural, quanto para o lado muçulmano que vê agora a oportunidade de uma conciliação com os franceses mais distante ainda e um aumento exponencial em todas as dificuldades sociais, econômicas, culturais e jurídicas que enfrentavam até agora. Isso atrelado ao fato do provável aumento do número de

---

<sup>9</sup> Disponível em: < [http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content\\_id=4351452&page=1](http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=4351452&page=1) >  
Acesso em 29/04/2015



jovens mulçumanos que agora irão de fato encontrar mais motivos para aceitar o convite de movimentos extremistas e se juntar a movimentos contra a cultura ocidental<sup>10</sup>.

Os meios de comunicação em massa se mostraram importantíssimos na repercussão do atentado e antes de se ter uma ideia clara do acontecido já se organizavam multidões em protesto. Cabe, antes de avaliar isso, deixar clara a importância que esses meios têm na sociedade e o efeito que seus atos podem provocar. Segundo Lippmann (2010, p.200) “As pessoas as quais nós dependemos para contato com o mundo exterior são aquelas que parecem estar governando-o”, a janela do mundo proporcionada pela mídia pode parecer o mundo verdadeiro para muitos.

Após os atentados, aconteceu ao redor do mundo uma onda de mobilizações em homenagem às vítimas e em defesa da liberdade de expressão, contra o terrorismo e em apoio à revista, todos indignados com o atentado.

Em relação a isso, é importante ressaltar três pontos: primeiramente, como diz Lippmann (2010, p.29), “O único sentimento que alguém pode ter acerca de um evento que ele não vivenciou é o sentimento provocado por sua imagem mental daquele evento” sendo a imagem mental da Opinião Pública passível de ser manipulada ou mal interpretada. Em segundo lugar, a reação imediata dos meios de comunicação em massa foi comunicar o atentado por si só, sem maiores informações, provocando a nível de secundidade, entendendo que “(...) qualquer sensação já é secundidade: ação de um sentimento sobre nós e nossa reação específica, comoção do eu para com o estímulo” (SANTAELLA, 2005, p. 73), uma reação de medo de todos que enxergavam na sociedade europeia ocidental uma sociedade similar a sua, nutrindo assim, um sentimento de empatia para com as vítimas. Em terceiro lugar, a falta de maiores informações do público acerca do assunto, que contou com grande ajuda da difusão da notícia pela internet, é uma circunstância muito perigosa, como introduz McQuail (2013, p. 457) “Um importante tipo de efeito se manifesta na forma de pânico generalizado em resposta a informações alarmantes, incompletas ou enganosas”.

Houve mobilização nas redes sociais em relação ao atentado, pessoas de vários países aderiram à campanha em solidariedade à revista, a *hashtag* no Twitter *Je Suis Charlie*, criada pelo jornalista francês Joachim Roncin, foi utilizada mais de 6.500 vezes por minuto nos dias após o atentado e também nas manifestações que se seguiram, espalhando rapidamente a notícia do atentado e criando uma comoção que se propagou

---

<sup>10</sup> Disponível em : < <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/nas-redes-sociais-mensagens-de-apoio-ao-atentado-em-paris/> > Acesso em 29 /04/2015



pela internet.<sup>11</sup> O uso dessa *hashtag* nas redes sociais se caracterizou como um uso dos símbolos novamente nesse evento, ao postarem *Je Suis Charlie* nas redes sociais as pessoas comunicavam ao mundo o seu apoio e comoção à causa francesa do *Charlie Hebdo* por meio de um símbolo, lembrando que “não há poder no símbolo, exceto o que ele adquire por associação na mente humana” (LIPPMANN, 2010, p. 197).

Segundo McQuail, “Os adultos (...) procuram o conteúdo indutor de medo em busca de emoções e entretenimento” (2013, p. 454), o que abre um novo leque de possibilidades de causas das ações desse evento, já que esse público buscando o medo explica, em parte, a disposição de líderes e formadores de opinião em alimentarem uma separação cultural. O público deseja isso, caso contrário os líderes e formadores de opinião estariam falando às paredes, como diz Lippmann:

(...) a maioria da informação quando nos chega carrega consigo uma aura de sugestão de como devemos sentir as notícias. Aquela sugestão nós precisamos, e se nós não encontramos na notícia nos voltamos aos editoriais ou a um conselheiro confiável (LIPPMANN, 2010, p.205).

Buscamos a sugestão que melhor nos satisfaz, e na França a sugestão xenófoba foi evidente<sup>12</sup>.

Isso demonstra, então, um posicionamento dos públicos desses líderes e formadores de opinião, um interesse por manter sua cultura intocada pela cultura mulçumana. Seria então esse o motivo para a *Charlie Hebdo*, meios de comunicação que atacam mulçumanos abertamente e líderes políticos que defendem políticas de imigração severas terem tanta atenção na França?

Após o atentado, o Papa Francisco deu uma declaração, condenando o assassinato feito em nome de Deus, mas, afirmando que “não se pode insultar a fé do outro”, e que se um amigo insultasse sua mãe “poderia esperar um soco”<sup>13</sup>. Quando o Papa, figura máxima da Igreja Católica se pronuncia dessa maneira, ele está em primeiro lugar tentando manter a imagem pública que lhe é conferida, ou seja, ele tenta manobrar seu público e angariar força política com o incidente. Nessa linha de raciocínio podemos citar Lippmann:

---

<sup>11</sup> Disponível em : < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1573758-criador-de-slogan-je-suis-charlie-diz-que-recebeu-oferta-para-vende-lo.shtml> > Acesso em 23/04/2015

<sup>12</sup> Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/revista/831/a-xenofobia-em-fermento-4240.html> > Acesso em 24/04/2015

<sup>13</sup> Disponível em : < <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/01/papa-francisco-nao-se-pode-binsultar-fe-dos-outrosb.html> > Acesso em 27/ 04/ 2015





Os símbolos da opinião pública, em tempos de razoável segurança, estão sujeitos a crítica, comparação e debate. Eles vêm e vão, coalescem e são esquecidos, nunca organizando perfeitamente a emoção do grupo todo. Há portanto, somente uma atividade humana em que populações inteiras efetivam a sagrada união. Ela se dá nas fases intermediárias de uma guerra quando o medo, o espírito de luta e o ódio garantiram completo domínio do espírito, tanto para derrotar qualquer outro instinto ou para alistá-lo, e antes que o cansaço seja sentido (LIPPMANN, 2010, p.27).

Em segundo lugar, ao criar uma situação de oposição, de polaridade, entre os religiosos e os não religiosos, entre os cristãos e não-cristãos domina-se melhor. “Tornamo-nos cômicos de nós mesmos ao nos tornarmos conscientes do não eu” (SANTAELLA, 1983, p. 75), ou seja, ao perceber o não eu em oposição a mim, percebo a mim mesmo e reafirmo minhas crenças, então, ao alimentar uma oposição entre os religiosos e não religiosos, guardadas as proporções, O Papa se utiliza de um mesmo meio que os movimentos extremistas islâmicos usam para ganhar força; ambos, ao se colocarem em uma oposição com algum grupo e tendo um motivo plausível para isso, promovem uma inquietação nos seus públicos. Conforme Laraia (2006, p.63), “cultura é um sistema de símbolos e significados”, sendo a cultura um elemento que proporciona a coligação entre indivíduos, e se um dos que partilham da minha cultura e dos símbolos desta encontra-se em situação de confronto com outra cultura, minha empatia está com o que me é mais familiar.

Em um segundo momento notou-se uma mudança no enfoque dos meios de comunicação em massa sobre o assunto, não mais simplesmente noticiavam o atentado terrorista, agora revelavam sua causa: as charges que satirizavam o profeta Maomé. Um raciocínio em nível de terceiridade<sup>14</sup> começa a se mostrar nos meios de comunicação em massa e parte da mídia e do público começam a criticar as charges da revista, enxergando uma provocação aos muçulmanos, um desrespeito ao islamismo e um risco assumido dos membros da revista ao zombar publicamente de um símbolo de uma religião que conta com alguns grupos extremistas, usando de suas bandeiras para alcançar seus objetivos e justificar seus atos.

Esse é um tipo perigoso de raciocínio, já que justifica um atentado à vida quando suas crenças são desrespeitadas e fazem parte de uma lógica presente no pensamento fundamentalista. A difusão desse raciocínio pela mídia mostra uma

---

<sup>14</sup> “Terceiridade (...) corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos” (SANTAELLA, 2005, p.78), ou como diz Peirce “consciência sintética, reunindo tempo, sentido de aprendizado, pensamento” (PEIRCE, 2010, p.14)



disposição dela e da Opinião Pública francesa em apoiar o fundamentalismo que cresce ao redor do mundo?

A argumentação desenvolvida até aqui neste artigo encontra especial marca factual em outra evidência fortemente simbólica. No mesmo período do atentado e Paris a ocorrência do evento que ficou conhecido como o massacre da Nigéria teve pouca existência midiática, principalmente na mídia tradicional. Cerca de duas mil pessoas foram mortas pelo *Boko Haram* um grupo extremista islâmico que defende a instauração de um Estado Islâmico e que repudia qualquer tipo de envolvimento de mulçumanos com a cultura ocidental, seja em escolas, na política ou ao vestir calças.<sup>15</sup> A questão que se impõe para além da simbologia e dos signos concorrentes para a construção de significados nos dois episódios parece superar em importância um evento em relação ao outro. Daí que é momento da sociedade mundial globalizada perguntar-se: Por que, afinal, se dá mais enfoque midiático à morte de doze pessoas do que à morte de duas mil, se em ambos os casos houve vitimados por grupos extremistas islâmicos?

McQuail cita Lippmann (2013, p.294) “a notícia consiste em eventos que se impõem sobre o que é normal” ou seja, a percepção do público sobre um atentado em Paris consiste em um ato sócnico que os deixa consternados, mas um atentado com um número de vítimas quase vinte vezes maior não desperta interesse. Tal evidência parece reforçar o argumento de que o significado dos eventos não tem um valor moral universal em si mas, pelo contrário, se constrói a partir de matrizes simbólicas determinantes a uma cultura e projetadas no imaginário dos sujeitos imersos nessa cultura conforme a teoria peirceana.

Com uma repercussão incomparável à do massacre na Nigéria<sup>16</sup>, manifestações de milhares de pessoas ao redor do mundo, declarações de apoio à revista e ao governo francês por autoridades de vários países além de repercussão na internet e nas redes sociais, o atentado ao *Charlie Hebdo* contou com um foco seletivo da mídia que deixou em um bem distante segundo plano<sup>17</sup> um ataque de dimensões muito maiores. Isso pode ter influenciado a percepção do público sobre a dimensão do atentado e, portanto, sua

---

<sup>15</sup>Disponível em: < <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/01/boko-haram-e-um-bmassacre-que-poder-ser-visto-por-sateliteb.html> > Acesso em 25/04/2015

<sup>16</sup> Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/mundo/manifestacoes-em-homenagem-charlie-hebdo-juntam-multidoes-em-pracas-europeias-14989689> > Acesso em 27/04/2015

<sup>17</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/massacre-do-boko-haram-teve-pouca-repercussao-internacional-entenda.html> > Acesso em 25/04/2015



percepção sobre a relevância de ambos. Cabe ressaltar que essa percepção foi deliberadamente provocada.

Esse foco seletivo da mídia se explica também pela definição de agenda, nos termos do que defende a teoria do *agenda-setting*, que é a indicação pela mídia das principais questões do dia, o que reflete na percepção do que é principal ou não para os públicos (McQuail, 2013, p.483), e que pode ser influenciada pela própria mídia, pelas forças políticas ou influenciada pelos desejos do próprio público, que é o caso mais provável nesse evento. A teoria explica que mídia não só diz sobre o que deve ser pensado como notícia mas também diz como deve ser pensado.

O posicionamento das organizações mulçumanas em relação aos atentados rende uma nota relevante nesse artigo. O governo turco, por exemplo, proibiu a divulgação da revista *Charlie Hebdo* no país, assim como aconteceram dezenas de protestos contra a revista em países com alto número de islâmicos<sup>18</sup>; do outro lado, aconteceram ataques a mesquitas e a frequência maior de atos anti-islâmicos na Europa. No Brasil, também ocorreram alguns atos, o mais famoso ocorreu com uma mulçumana em São Paulo que foi atingida por uma pedra e chamada de terrorista pelo agressor<sup>19</sup>.

A soma desses elementos aumenta a distância entre as duas partes, muçulmanos e anti-islamitas, e acirra os conflitos existentes. “A dicotomia ‘nós e os outros’ (...) para o plano extra grupal resulta nas manifestações nacionalistas ou formas mais extremadas de xenofobia.” (LARAIA, 2006, p.72), e os mulçumanos, que em sua grande maioria nada tem de responder sobre estes grupos extremistas, sofrem preconceito como qualquer extremista. No imaginário público europeu parece ser que qualquer muçulmano virou um signo de terrorista, uma barba por fazer, um véu feminino, certas características fenotípicas viraram índices, índices de que algum ataque terrorista está por vir. Índice segundo Peirce é:

Um signo, ou representação, que se refere a seu objeto (...) por estar numa conexão dinâmica (espacial inclusive) tanto com o objeto individual, por um lado, quanto, por outro lado, com os sentidos ou a memória da pessoa a quem serve de signo (PEIRCE, 2010, p. 74).

A mídia e a Opinião Pública ainda não focaram no principal problema que é o crescimento do fundamentalismo religioso, entendendo fundamentalismo religioso

---

<sup>18</sup> Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/mundo/manifestacoes-em-paises-muculmanos-pedem-fim-do-charlie-hebdo-de-charges-de-maome-15089402> > Acesso em 25/04/2015

<sup>19</sup> Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/mundo/brasileira-muculmana-atacada-com-pedrada-em-sao-paulo-15071301> > Acesso e 25/04/2015



como a leitura literal dos livros sagrados e um desprezo ao possível acesso ou conversões a outras religiões, modernizações de conceitos ou dogmas. Esse pensamento fundamentalista cresce usando de recursos de linguagem, de atos simbólicos e sociais, que inevitavelmente serão divulgados pela mídia; a oposição eu/outro que está impressa na sociedade francesa (ou europeia) só faz com que mulçumanos sejam mais estigmatizados, que franceses se tornem mais xenófobos, grupos extremistas tenham mais voz entre os mulçumanos, e piore esse quadro.

Diante dessa análise, conclui-se que o atentado à revista *Charlie Hebdo* mostra o poder do uso dos signos em seu processo de linguagem como condutor de eventos sociais e motor cultural. Desde a reedição das charges de Maomé como provocação, até o atentado que resultou na morte de doze pessoas na sede da revista, o que vimos foi a atuação dos meios de comunicação em massa entrelaçados com a Opinião Pública num processo de influência que conta com dois destinatários, diversas declarações e atos sígnicos de todos os envolvidos. A importância do enfoque seletivo de informações por parte dos meios de comunicação em massa altera e molda a Opinião Pública, que também influencia e molda esse enfoque. Apesar de a mídia refletir na Opinião Pública francesa o atentado à revista em Paris e de praticamente apagar a divulgação o massacre nigeriano, em que pese ambos terem sido ataques terroristas, os signos de tratamento da informação em ambos os casos seguem a mesma lógica de produção. Os nigerianos não representam nenhuma ameaça à cultura francesa, os signos concernentes ao episódio na Nigéria pareceram certamente configurar um universo semântico distante e à parte. Fácil supor que se tal informação tivesse tratamento em outra cultura de signos, como na Itália, recentemente abalada com a imigração ilegal promovida por africanos em botes em alto mar<sup>20</sup>, também a semiose teria sido completamente outra.

As metáforas construídas pela revista francesa e suas charges como atos simbólicos, os quais funcionam como signos produzidos na cultura francesa, foram determinantes para o comportamento midiático nesse caso do *Charlie Hebdo* e para a construção da Opinião Pública, tendo o fundamentalismo islâmico como pano de fundo e provocando o apagamento de tragédias ainda maiores, mais agressivas à condição humana, mas, que não obstante o número de dois mil mortos, falaram menos ao mundo

---

<sup>20</sup>Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/05/italia-resgatou-36-mil-imigrantes-no-mediterraneo-no-sabado.html>> Acesso em 27/04/2015

Disponível em:

<[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2013/10/04/interna\\_mundo,391748/italia-chora-por-cerca-de-300-imigrantes-africanos-mortos-em-naufragio.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2013/10/04/interna_mundo,391748/italia-chora-por-cerca-de-300-imigrantes-africanos-mortos-em-naufragio.shtml)> Acesso em 27/04/2015



que a falta da liberdade de expressão. O mundo deveria por uma questão de civilidade ter vestido camisetas e compartilhado outra mensagem : *Je suis nigèriane*.

## REFERÊNCIAS

ECO, Humberto. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Ed Perspectiva, 2000.

LARAIA, Roque. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Azhar Editor, 2006.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MCQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**. Campinas: Editora Pontes, 2004.

PEIRCE, Charles. **A fixação da crença**. Disponível em:  
<[http://www.lusosofia.net/textos/peirce\\_a\\_fixacao\\_da\\_crenca.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf)> Acesso em  
22/01/2015.

PEIRCE, Charles. **Semiótica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.